

Artigo / Article

Ponto de vista emocionado no gênero discursivo comentário *on-line* - violência verbal

Emotive Point of View in the Discursive Genre, On-line Commentary: Verbal Violence

Maria das Graças Soares Rodrigues* 

gracasrodrigues@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8295-358X>

Resumo

Neste artigo, tomo por objeto de análise comentários produzidos por internautas *on-line* em um portal de notícias, em reação à matéria veiculada acerca de torturas sofridas por detentas em um presídio no Pará. Para tanto, estabeleci os seguintes objetivos: descrever, analisar e interpretar o ponto de vista (PDV) subjacente aos comentários dos locutores enunciadores primeiros (L1/E1) acerca de torturas sofridas por presidiárias. A análise revelou que os PDV subjacentes aos comentários se caracterizam pela violência verbal, tendo por efeito de sentido o sentimento de ódio. Os PDV são emocionados, decorrentes do aumento da tensão dos L1/E1, por ocasião da avaliação que fizeram acerca da situação. Certamente, o meio digital influenciou os L1/E1, no sentido de produzirem enunciados revestidos de ódio que não consideraram, em decorrência, a preservação de faces.

Palavras-chave: Posição enunciativa; Emoção; Modalidades semiemediológicas; Manifestação *on-line*; Agressão verbal.

Abstract

In this article, the object of analysis is commentaries, produced by on-line users of a news site, in reaction to material addressing the torture suffered by inmates at a women's prison in Pará. To carry out this study, the following objectives were established: to describe, analyze and interpret the Point of View (POV) underlying the commentaries of the first speaker/enunciators (S1/E1) regarding tortures suffered by these incarcerated women. The analysis revealed that the POV underlying the commentaries is characterized by verbal violence, expressing a feeling of hate toward the women prisoners. The POVs present

* Professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

emotion according to the increasing tension of the S1/E1s' evaluations of the situation. It is quite probable that the platform, being digital, contributed to uninhibiting the S1/E1s to produce enunciations fraught with hate, as this means of communication permits them to be unconcerned with saving face.

Keywords: *Point of View; Emotion; Semio-Methodological Modalities; Online Commentary; Verbal Agression.*

Considerações iniciais

A revolução digital transformou hábitos da humanidade, as interações via plataformas constituem uma realidade mundial, o processo de ensino e aprendizagem também ganhou novas configurações nesse contexto, as distâncias geográficas foram encurtadas e a comunicação entre os homens transformada. É, pois, no âmbito da interação digital que este artigo se situa, mais precisamente em comentários *on-line* de uma plataforma digital. Os comentários retomam uma matéria veiculada no site de notícias *The Intercept - Brasil*, em outubro de 2019, focalizando torturas sofridas por presidiárias, malgrado afirmação do então Ministro de Justiça e Segurança Pública, que contradizia a constatação: “MORO DIZ QUE NÃO HÁ TORTURA EM PRESÍDIOS NO PARÁ. PRESAS OBRIGADAS A SENTAR EM FORMIGUEIRO DISCORDAM.”

Os comentários são polêmicos, conflituosos, marcados pela violência verbal, evidenciando ódio, mas também há aqueles que se solidarizam com as presas. O discurso de ódio tem se tornado recorrente nas redes sociais e em sites de notícias, entre outros. Isso decorre dos cenários de violência a que a sociedade se vê submetida. Se as interações face a face no mesmo espaço registram eventos de violência verbal, em ambientes *on-line* não é diferente, parecem mais vulneráveis.

Para situar os leitores quanto à matéria que suscitou os comentários, transcrevo, a seguir, dois fragmentos da matéria¹:

NESTA SEGUNDA, o ministro da Justiça Sergio Moro fez uma visita a alguns presídios de Ananindeua, município paraense vizinho a Belém. Fez questão de caminhar ao lado de Maycon Cesar Rottava, coordenador da Força-Tarefa de Intervenção Penitenciária até a última sexta, 4, quando foi afastado pela justiça devido a uma denúncia assinada pelo MPF acusando seus agentes de torturar detentos. A quem perguntava sobre o afastamento de Rottava, publicado ontem no Diário Oficial, Moro, responsável pela força-tarefa, respondia que a situação não passava de um “mal-entendido” [...]

‘Vagabunda!’, ‘Gorda fedorenta!’, ‘Putá!’, ‘Aberração!’

Além de agressões verbais como os xingamentos de “vagabunda”, “gorda fedorenta”, “puta” e “aberração”, as detentas do CRF relatam diversos casos de

¹ Para ler a matéria na íntegra, acessar: <https://theintercept.com/2019/10/08/presas-forca-tarefa-moro-tortura/>
Acesso em: 8 out. 2019.

tortura nos vídeos gravados pela OAB. “Fui colocada de calcinha em cima do formigueiro. O agente deu com cassetete nas minhas costas porque eu não conseguia levantar. Fiquei 10 minutos sentada no formigueiro só de calcinha”, conta uma detenta. Outra relata que elas foram deixadas por horas sentadas no piso molhado enquanto eram agredidas verbalmente. “Chamaram a gente de puta, de aberração. Que o sistema ia piorar pra nós. Ficamos mais de três horas sentadas no molhado, com frio e com fome” (POTTER, 2019, n.p.).

Neste artigo, meu propósito é descrever, analisar e interpretar o ponto de vista de internautas, a partir de comentários produzidos *on-line*, enquanto gênero discursivo digital nativo, nos termos de Paveau (2013, p. 9), “discours numériques natifs”. Cumpre-me esclarecer que Paveau (2013) assume a tipologia proposta por Dacos et Mounier (2010)², a respeito dos documentos/textos digitais, a saber: digital, digitalizado e digital nativo³. Adam (2020a) também adota essa tipologia.

Quadro 1. Tipologia proposta por DACOS e MOUNIER (2010), adotada por Paveau (2013, 2015a), Mayeur; Paveau (2020) e Adam (2020a)

Dacos e Mounier (2010) Paveau (2013, 2015a) Mayeur; Paveau (2020) Adam (2020a)	
Numériques	Digital
Numérisés	Digitalizado
Numériques	digital nativo

Paveau (2013, p. 9) usa a expressão “discours numériques natifs” para remeter à escrita *on-line*. A autora explica:

Um documento digital nativo é produzido *on-line*, em um site, blog ou rede social, em qualquer lugar digital que hospede a produção de discurso. Apresenta características de deslinearização do fio do discurso, aumento enunciativo, tecnogenicidade e plurisemioticidade. (PAVEAU, 2013, p. 9, tradução Maria Eduarda Giering)

² Cf. DACOS, Marin; MOUNIER, Pierre. *L'Édition électronique*. Paris: La Découverte, 2010.

³ PAVEAU (2013, p. 9) [...] “Le terme *numérique* recouvre en effet, en ce qui concerne les productions écrites, des réalités sémiotiques différentes:

— **des discours imprimés numérisés** [digital] pour l’analyse linguistique par exemple, donc non natifs mais qui acquièrent des traits natifs, par exemple la navigabilité; constituant des bases de données, ils sont mis en ligne ou pas; c’est le cas des *corpus* annotés des talistes par exemple;

— **des discours imprimés numérisés** [digitalizado] par scannage ou mise en ligne, dans un contexte éditorial, avec les mêmes propriétés acquises ; ils sont en ligne ; c’est par exemple le cas des revues numérisées sur le portail Persée;

— **des discours numériques natifs** [digital nativo], produits directement en ligne, qui peuvent conserver la linéarité scripturale des écrits imprimés (pas de liens hypertexte, pas de réticularité, comme c’est souvent le cas sur les blogs littéraires par exemple) ou prendre des formes réticulaires grâce à l’hypertextualité (systématique et même automatique dans le cas des réseaux sociaux).” (grifos meus).

Em face da pluralidade de dados que o avanço da tecnologia viabilizou, o homem dispõe de inúmeros ambientes midiáticos para interagir. Nessa direção, evoco Adam (2020a, p. 14), que reconhece a necessidade de uma noção de texto que recubra as diferentes organizações das modalidades semiomediológicas⁴ (oral, escrita, icônica, digital e mistas), suas formas de textualidade (poligeradas, monogeradas, escritas, digitais, hipertextuais, “oralitures” ([leitura do texto escrito] e textos icônicos). O autor assim postula:

Levar em consideração as modalidades semiomediológicas e as diferentes formas de textualidade que delas resultam mostra que a definição do conceito de texto não pode mais ser limitada à escrita e que ela requer ser modulada para dar conta dos “textiels” [textos digitais]. [...] (ADAM, 2020a, p. 14)

É, pois, no âmbito das transformações sociais que decorrem das mudanças nos processos e meios de interação e de comunicação que o pesquisador deve levar em consideração as modalidades semiomediológicas. Nessa direção, a análise de comentários *on-line* não deveria se limitar à modalidade escrita, mas também focalizar os diferentes lugares midiáticos de onde se pode escrever para interagir, os quais geram na denominada modalidade digital, o texto digital nativo, o qual é pleno de singularidades, marcado por ideologia, emoção acentuada, afrouxamento do registro linguístico na constituição dos enunciados, entre outras. De acordo com Paveau (2015a, p. 18), “os universos digitais nos levam a escrever muito, em lugares diferentes, sob modalidades enunciativas inéditas, no seio de gêneros de discurso e com estilos diferentes”.

Ponto de vista emocionado de internautas: a violência verbal em foco

A leitura dos comentários *on-line* me permitiu dividi-los em dois grupos: (1) a favor do tratamento dado às presidiárias e (2) solidários às presidiárias. Para tanto, considere a noção de ponto de vista, conforme transcrevo a seguir:

“Inicialmente, falar de ‘ponto de vista’ [...] trata-se, portanto, de explicitar ‘formas de ver’ [...], tentar compará-las (de que ponto de vista?), sem pretender dizer uma verdade definitiva sobre o ponto de vista. Existe, aliás, uma ‘essência do ponto de vista’? Certamente, sem dúvidas, ‘diferentes perspectivas (outra metáfora) sobre diferentes gêneros de pontos de vista’. [...]”

“Ainda que a expressão de um ponto de vista comporte a formulação de ‘verdades’: se, no início de uma reunião, os organizadores digam cochichando: ‘tem pouca gente’ ou, a exatidão quantitativa aumentando pode ser o grave das asserções ‘há apenas doze’, o que poderia ser ‘verdade’. Mas isso seria, apesar disso, um ‘ponto

⁴ Adam (2021) explica o lexema “sémio-médiologique”, conforme segue: “c'est un composé de sémiotique/sémiologique (= incluant tous les systèmes de signes) et de médiologique = la médiologie étant la science des médias: des différentes médiations (oral, écrit, image et systèmes mixtes.” É um composto de semiótica/semiológico (= incluindo todos os sistemas de signos) e de mediológico = a mediologia sendo a ciência das mídias: diferentes mediações [modalidades] (oral, escrito, imagem e sistemas mistos). [Tradução minha]

de vista', uma forma de considerar. Pois, poder-se-ia ter dito 'bom, a gente começa?' ou 'chove, tinha medo que não viesse ninguém' ou [...]” (FRANÇOIS, 2015, n.p.)

Desse questionamento de François (2015, n.p.) acerca do ponto de vista, opto pela explicação que o autor apresenta, caracterizando o ponto de vista como “formas de ver”. Assim, os comentários que analiso evidenciam a visão de internautas acerca de um objeto de discurso: torturas sofridas por detentas. Destaco Rabatel (2016, p. 71) quando diz: “analisar um ponto de vista é recuperar, de uma parte, os contornos de seu conteúdo proposicional e, de outra, **sua fonte enunciativa**, inclusive quando esta é implícita, a partir de atribuição dos referentes e dos agenciamentos das frases em um texto [...]”.

Exemplo 1

“Imagina o que essas detentas não aprontaram na vida. Não estão presas à toa. Falta saber a opinião das vítimas ou dos familiares das vítimas dessas “santas” detentas.”

As detentas constituem o objeto de referência do enunciado que expressa o comentário. Esse objeto é recategorizado pelo sintagma nominal “santas detentas”. Essa recategorização nos permite inferir um aumento da tensão em face do lexema “santas”, usado de forma irônica para qualificar as detentas. Essa noção veiculada é intensificada pela introdução do enunciado que encaixou o sintagma nominal “santas detentas”, a saber: “Falta saber a opinião das vítimas ou dos familiares das vítimas dessas ‘santas’ detentas”.

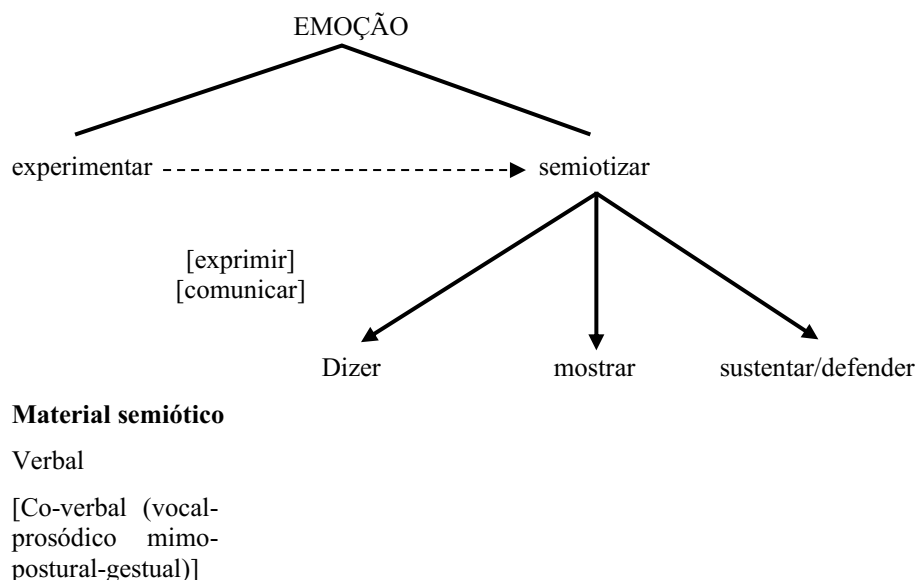
Reitero a interpretação que faço à luz do léxico e da relação entre os lexemas em uma perspectiva semântica, convocando Micheli (2014) com os três tipos de semiotização da emoção: o dizer, o mostrar e o sustentar.

A materialidade linguística do enunciado me permite inferir que se trata de um ponto de vista emocionado, essa emoção traduz rejeição, ódio subjacente ao enunciado “Imagina o que essas detentas não aprontaram na vida. Não estão presas à toa.” Enfim, caracteriza-se como violência verbal.

A noção de violência verbal que compartilho fundamenta-se em Moïse et al. (2008, p. 10), quando explicam que “[...] é um processo de aumento da tensão interacional [...] processo que se inscreve em atos de fala identificados como mal-entendido, desprezo, ameaça, insulto, relações de dominação entre locutores, ruptura nos ritos conversacionais [...]”.

O exemplo mostra engajamento do locutor enunciadador primeiro (L1/E1), que emite um PDV tensionado, ao avaliar o objeto de discurso. Isso fica evidente por construções como “santas detentas”, “o que essas detentas não aprontaram na vida”. É óbvio que estão em um presídio por algum ato cometido, o PDV é pleno de emoção. A seguir, mostro o esquema 1 proposto por Micheli (2014)

Esquema 1. Modelo de análise da linguagem emocional



Fonte: Micheli (2014, p. 17)

O autor ressalta que os três modos de semiotização se situam, evidentemente, no locutor. O dizer permite que a emoção seja identificada a partir do léxico, pode se encontrar em relação com quem a experimenta. O mostrar se constitui a partir da caracterização que se faz do enunciado, do qual subjaz a emoção que o locutor sente. O sustentar/defender a emoção é a representação que se faz de uma situação, fundamentando-se na variável sociocultural. O contexto situacional leva o interlocutor a compreender que um evento emocional tem razão de ser.

Acompanho Micheli (2010, p.175), quando postula que “as emoções não são propriamente desencadeadas pelos próprios acontecimentos, ou pelas próprias situações, mas sobretudo **pela avaliação dos acontecimentos ou das situações**”.

Exemplo 2

“Se tivessem trabalhando e estudando não iriam ter tempo para serem torturadas. Vão construir estradas e trabalhar na conservação da cidade e prédios públicos, e de noite, não vai dormir não, é estudo, como grande parte dos brasileiros fazem. Só sai da cadeia depois de passar numa prova de cálculo III. Aí sim estarão aptas a voltar pra sociedade. O problema é que, a maioria dessa gente já considera trabalho uma tortura, imagina o que considerariam estudar matemática, kkkk, aí sim iriam pedir pra morrer.”

Subjaz ao ponto de vista do L1/E1 que a tortura é justificável, quando diz “Se tivessem trabalhando e estudando não iriam ter tempo para serem torturadas.” Se fosse uma interação presencial, será que o L1/E1 teria expressado esse enunciado? E os 13,5 milhões de desempregados? Esse dado⁵ foi veiculado pela Agência Brasil, em setembro de 2020. Quais as

⁵ Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-10/ibge-numero-de-desempregados-chega-135-milhoes-em-setembro> Acesso: 28 de dez. 2020.

causas do desemprego? Será que estar desempregado é porque não deseja trabalhar? E a economia? Certamente, o contexto midiático influenciou o L1/E1. A distância física parece diluir alguma dificuldade de se enunciar determinados conteúdos proposicionais. Concordo com Paveau (2013, p. 3) quando trata da “natureza do contexto”, deixando evidente que [...] “os contextos influenciam a produção discursiva, a restringem, a determinam, na verdade, a colorem”. Nessa perspectiva, lembro o título da matéria “MORO DIZ QUE NÃO HÁ TORTURA EM PRESÍDIOS NO PARÁ. PRESAS OBRIGADAS A SENTAR EM FORMIGUEIRO DISCORDAM.” (POTTER, 2019). Esse título veicula reações de duas instâncias enunciativas: (1) Moro e (2) presas. Na ocasião, o então Ministro de Justiça e Segurança Pública nega o objeto da acusação /crítica, por seu turno, as presas reagem discordando, ou seja, confirmam as torturas. Essa polaridade, ou seja, esse antagonismo orienta os comentários⁶.

O L1/E1 está conjecturando, ao dizer: [...] “Vão construir estradas e trabalhar na conservação da cidade e prédios públicos, e de noite, não vai dormir não, é estudo, como grande parte dos brasileiros fazem.” [...] Com esse ato ilocucionário assertivo o L1/E1 expressa a representação que ele faz do fato. Evoco Vanderveken (2016, p. 16), quando explica que [...] “os modos imperativos e indicativos em português e em outras línguas naturais exprimem respectivamente o objetivo ilocucionário assertivo (que consiste em representar um fato como atual) e o objetivo ilocucionário diretivo (que consiste em tentar levar o interlocutor a fazer algo).”

O L1/E1 segue avaliando a situação, ousando atribuir às detentas um PDV sobre o tema trabalho: “[...] o problema é que, a maioria dessa gente já considera trabalho uma tortura, imagina o que considerariam estudar matemática, kkkk, aí sim iriam pedir pra morrer [...]”. Esse enunciado se configura como um exemplo de violência verbal, em que se pode observar o uso da ironia como uma visada argumentativa muito além de uma crítica, ao qual subjaz uma intenção destrutiva, de desprezo pela vida humana de pessoas que vivem situações de tortura psicológica e física. A vida humana dessas pessoas é comparada ao ato de estudar matemática. Esse comentário tem estreita conexão com o relato de uma detenta na matéria, dizendo que o sofrimento é tamanho que pedem para morrer. Lembro a caracterização da violência verbal polêmica nos termos de Franchiolla et al. (2013, p. 12, tradução minha): “a violência verbal polêmica repousa em atos de linguagem indiretos e implícitos, numa argumentação e em figuras de retórica com visada polêmica e persuasiva.”

Destaco, ainda, que o L1/E1 avalia um coletivo, as detentas de um presídio em Belém do Pará. Para construir seu PDV, ou seja, a representação discursiva que ele faz da situação, usa o argumentativo *ad hominem*, quando diz: “[...] O problema é que, a maioria dessa gente já considera trabalho uma tortura, imagina o que considerariam estudar matemática, kkkk, aí sim iriam pedir pra morrer.” Esse comentário do L1/E1 tem por base um relato de uma das detentas, transcrito *ipsis litteris* da matéria a seguir:

⁶ Neste artigo, estamos tratando apenas de comentários que aceitam a tortura.

“A gente precisa de um socorro. A gente não aguenta mais tanta humilhação. Estamos pagando pelo nosso crime, mas o que a gente passa aqui não é fácil. Às vezes a gente pede a Deus pra Ele matar a gente porque não é fácil. Eu tô sofrendo”, conta uma detenta⁷ (POTTER, 2019, n.p.).

Há a retomada da voz de uma detenta, um enunciado que representa um coletivo: marcado pelo “a gente” (eu + as demais detentas). A estratégia de retomar a voz do outro, em uma interação presencial ou como no caso dos dados em análise, em interação *on-line*, encontro em Grácio⁸ (2015) a seguinte explicação:

Com efeito, uma das formas de contra-argumentar pode consistir em mostrar que, tomando o discurso do interlocutor nos seus próprios termos, as suas assunções acabam por se manifestar como incompatíveis, contraditórias ou incoerentes. Assim, pode-se contra-argumentar retomando o discurso do outro («se disseste isto e aquilo, como é que podes agora afirmar uma coisa que parece não se encaixar nas declarações prévias?») (GRÁCIO, 2015, n.p.)

Há um contra-argumento subjacente à crítica que o L1/E1 faz às presidiárias, ao pedirem para morrer, em face do sofrimento a que são submetidas, ou seja, a reclamação que elas fazem das torturas, conforme relato de uma delas “Estamos pagando pelo nosso crime, mas o que a gente passa aqui não é fácil”. Então o L1/E1 remete a esse enunciado com a ironia que já destaquei acima “[...] imagina o que considerariam estudar matemática, kkkk, aí sim iriam pedir pra morrer.” Dessa forma, ele refuta a situação com o intertexto da fala de uma delas que reconhece o cometimento de crime, fragilizando, assim, o pedido de socorro das detentas. Em outras palavras, o que elas passam é consequente dos próprios atos.

Exemplo 3

“Senta-lhe o pau! Estão no presídio e não em um Spa!”

A violência verbal se faz presente ao enunciado identificado como exemplo 3, através do sentimento do ódio que o orienta argumentativamente. O ódio é definido por Houaiss e Villar (2001), conforme segue:

“aversão intensa ger. motivada por medo, raiva ou injúria sofrida, odiosidade 2. *p. met.* a pessoa ou a coisa odiada. ETIM lat. *Odium*, ódio, repugnância, antipatia, desagrado, enfado, nojo, moléstia, inoportunidade [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2050).

Plantin (2011) explicita que o sentimento do medo gera a exasperação. Ele postula que a exasperação não fica distante do *ódio*. Sintetiza que “construir ‘Medo de (E⁹) + Responsável designado de (E)’ é edificar sobre o medo, a exasperação de um responsável” (PLANTIN, 2011, p. 292). Ao afirmar que a exasperação não está distante do ódio, permite a inferência de que o ódio é um sentimento, ou seja, é emoção, passível de ser encontrada em avaliação que se faça de determinados acontecimentos. De fato, em trabalho apresentado, Rodrigues (2018) mostrou

⁷ Vide matéria: <https://theintercept.com/2019/10/08/presas-forca-tarefa-moro-tortura/>

⁸ GRÁCIO, Rui.

⁹ E = événement [acontecimento]

o ódio orientando uma discussão em cenário institucional. Igualmente, Rodrigues e Cabral (2020) publicaram trabalho acerca da violência verbal, veiculando ódio em contexto institucional.

O L1/E1 do exemplo 3 estaria tentando, então, legitimar a tortura? Vídeo foi gravado por advogados da Ordem dos Advogados do Brasil, de acordo com a matéria veiculada no *The Intercept Brasil*, “As imagens que me repassaram foram gravadas pelos advogados, em seus celulares [...]” (POTTER, 2019, n.p.).

O L1/E1, através de um ato de discurso assertivo, expressa a representação que ele faz do acontecimento. Além disso, emite uma ordem, apesar de não estar institucionalmente autorizado: “Senta-lhe o pau! Estão no presídio e não em um Spa!” Remeto mais uma vez a Vanderveken (2016, p. 16), quando trata do ato ilocucionário diretivo, o qual “consiste em tentar levar o interlocutor a fazer algo”. No caso específico, o L1/E1 do comentário em análise, por meio de um PDV emocionado, preconiza violência física. O ódio se manifesta pela raiva expressa no enunciado, um sentimento intenso evidenciado em dois momentos: o enunciado injuntivo, através do imperativo afirmativo: “Senta-lhe o pau!” e o de observação: “Estão no presídio e não em um Spa!”

No que concerne ao PDV, Rabatel (2017) diz:

[...] defino como ponto de vista (PDV), em linguística, todo enunciado que predica informações sobre não importa que objeto do discurso, dando não apenas informações sobre o objeto (relativos à sua denotação), **mas também, sobre a forma como o enunciador observa o objeto, expressando, assim, um PDV**. O objeto do PDV pode ser um indivíduo, um coletivo, um anônimo, e pode exprimir PDV singulares ou coletivos, originais ou estereotipados (RABATEL, 2017, p. 43).

Assim, se analisar o ponto de vista é “predica[r] informações sobre não importa que objeto do discurso” (RABATEL, 2017, p. 43), posso considerar que a forma que o observador, ou seja, o L1/E1 observa o objeto de discurso, torturas sofridas pelas detentas, evidencia emoção, violência verbal e ódio. Há uma intensificação. O enunciado revela também a ausência de empatia do L1/E1 em relação às detentas, ao usar como contra-argumento a própria voz de uma delas, ou seja, ele recorre a um enunciador segundo (e2), uma detenta. Subsídio-me mais uma vez em Rabatel (2017, p. 300), ao explicitar que “um centro de empatia (ou centro de perspectiva) corresponde a um enunciador segundo (e2), ou sujeito modal, distinto do locutor / enunciador primeiro (l1/E1)”. Resumo o movimento argumentativo do PDV do L1/E1 do exemplo 3, a seguir:

Quadro 2. Síntese movimento argumentativo mobilizado no exemplo 3

Tese	Detentas devem ser agredidas
Justificativa	Estão no presídio e não em um Spa!
Conclusão	Detentas devem ser agredidas

Fonte: a autora do artigo

Suportes teóricos da análise e interpretação

Nessa seção, destaco as noções, propostas e caracterizações teóricas que subsidiaram a análise e minha interpretação. Para tanto, retomo autores citados e evidencio o passo a passo para conseguir a realização do trabalho.

Ressalto que me ancorou em vários autores para tratar da emoção, entre eles destaco Adam (2020a); Plantin (2011); Francchiolla et al. (2013); Moïse et al. (2008) e Micheli (2010, 2014).

O esquema abaixo, proposto por Adam (2020a, p.6), resume as modalidades semiomediológicas. Senti falta, nesta tipologia, de uma modalidade que contemplasse os gestos que orientam a comunicação em línguas de sinais, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Retomarei essa questão em artigo futuro.

Os lexemas usados no esquema são autoexplicativos, anunciam para o interlocutor as modalidades (oral, escritural, icônica e digital), assim como as formas de textualidades: poligerada, monogeradas, escrita, digital, hipertextual, leitura do texto escrito e o texto icônico.

Subjaz a essa proposta uma interseção: a escrita. Ainda que um texto tenha sido produzido na modalidade oral, ao ser transcrito é via escrita. Na modalidade digital, a materialidade linguística se constitui via escrita. Na modalidade icônica, lembro o que explica Paveau (2015b, p. 337-338), uma imagem pode ser escrituralizada, quando, por exemplo, alguém acrescenta à imagem alguma descrição. A autora propõe o termo “dedipix”, cujo sentido veiculado é de “dedicatória em imagem”. Ela explica que a palavra é composta de “dedicasse” e “Picture” ou “pixel”. Acrescenta, ainda, que usa o termo “dedipix” como hiperônimo genérico. Coloco essa observação, por entender que a diferença entre texto digital produzido (*on-line* ou *off-line*) e textos das demais modalidades reside nas diferentes formas de textualidade, como apresenta Adam (2020a, p. 6), a seguir:

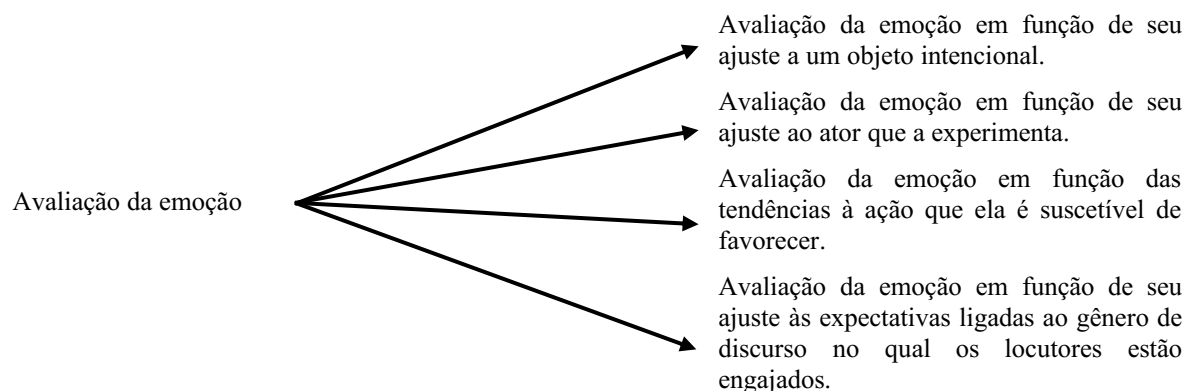
Esquema 2. Modalidades semiomediológicas & formas de textualidade

ORAL	T ¹ POLIGERADAS	T ^{1.1} Polílogos T ^{1.2} Diálogos		« ORALITURES » [Leitura de textos escritos] T ⁶ TEXTOS ICÔNICOS T ⁷
	T ² MONOGERADAS	Monólogos	T ^{2.1} improvisados T ^{2.2} memorizadas T ^{2.3} oralizadas	
ESCRITURAL ICÔNICO	T ³ ESCRITOS	T ^{3.1} Manuscritos T ^{3.2} Impressos T ^{3.3} Editados	HIPERESTRUTURAS TEXTUAIS T ⁵	
DIGITAIS	T ⁴ DIGITAIS	T ^{4.1} Digitalizados T ^{4.2} Digitais T ^{4.3} Digitais nativos		

Fonte: Adam (2020a, p. 6)

A seguir, compartilho outro esquema relevante para análise que desenvolvi neste artigo. Trata-se de um esquema proposto por Micheli (2010, p. 166), o qual vem embasando, há alguns anos, minhas reflexões.

Esquema 3. Principais critérios de avaliação da emoção

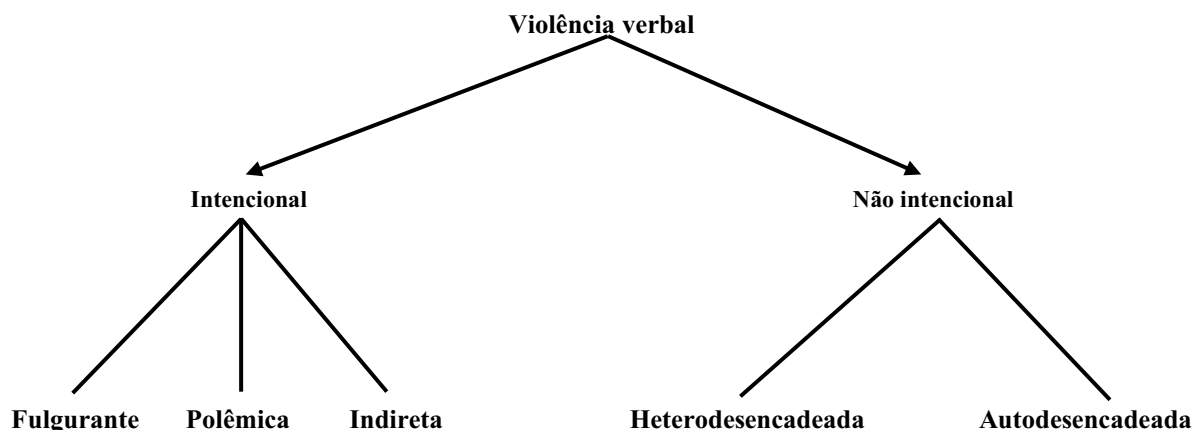


Fonte: Micheli (2010, p. 166)

Os dados que analisei se situam no primeiro e quarto critérios, tendo em vista que os comentários tinham uma intenção deliberada: agredir verbalmente as detentas, que constituem o objeto de discurso focalizado, ou seja, proceder à “avaliação da emoção em função de seu ajuste a um objeto intencional” (MICHELI, 2010, p. 166). Assim como locutores assumiram o conteúdo proposicional do próprio dizer, configura-se a ocorrência de engajamento, de envolvimento com o objeto de discurso, logo nos termos do quarto critério proposto por Micheli (2010, p. 166): “avaliação da emoção em função de seu ajuste às expectativas ligadas ao gênero de discurso no qual os locutores estão engajados”, uma vez que o gênero de discurso comentário induz o L1/E1 a expressar seu PDV. O meio midiático *on-line* corrobora no sentido de que o L1/E1 se sinta encorajado a produzir enunciados caracterizados como de violência verbal, marcados pelo sentimento do ódio, PDV emocionado. Certamente, em uma interação presencial, haveria um controle emocional, haveria preservação de faces (GOFFMAN, 1985, 1988).

À guisa de síntese, apresento uma figura que elaborei, visando sintetizar o modelo para análise referente aos tipos de violência verbal proposto por Francchiolla et al. (2013, p. 12-13):

Figura 1. Violência verbal



Fonte: Figura elaborada pela autora do artigo, mas o modelo é de Francchiolla et al. (2013, p. 12-13)

As autoras explicam que a violência verbal intencional é “deliberadamente desejada e procurada como tal pelo locutor enunciador primeiro” (FRANCCHIOLLA et al., 2013, p. 13, tradução minha). Ela tem sua origem em um conflito e se subdivide em três tipos: (1) fulgurante; (2) polêmica e (3) indireta. O primeiro tipo é marcado por um aumento da tensão, podendo se materializar em diferentes etapas, entre elas, destaco a incompreensão. O segundo tipo é “desencadeado por atos de linguagem indiretos e implícitos, por uma argumentação e por figuras de retórica com visada polêmica e persuasiva” (FRANCCHIOLLA et al., 2013, p. 13, tradução minha). O terceiro tipo “se atualiza nas interações consensuais e cooperativas simuladas e ambíguas (ironia, cumprimento, elogio, lisonja, hiper polidez, implícito, etc.) com valor ilocutório contrário e inserido com fins de manipulação e de assédio.” (FRANCCHIOLLA et al., 2013, p. 13, tradução minha).

No que diz respeito à violência verbal não intencional, Francchiolla et al. (2013, p. 12, tradução minha) esclarecem que não é “visada pela enunciação, mas ressentida, entretanto pelo receptor – o mal-entendido, por exemplo, pode ser uma fonte”. Há dois tipos: (1) heterodesencadeada e (2) autodesencadeada. O primeiro tipo: “os mal-entendidos sem marca linguística (verbal e /ou paraverbal e/ou mimo-gestual) identificável. O segundo tipo: as reações patogênicas autodesencadeadas constitutivas de violência verbal fulgurante extrema.” (FRANCCHIOLLA et al., 2013, p. 13, tradução minha).

Diferentemente, entendo que toda violência verbal é intencional, visa agredir o interlocutor que pode ser um indivíduo, um coletivo, uma instituição e, assim, por diante.

O modelo leva em consideração a descrição linguística, reconhece a relevância dos “diferentes contextos / territórios (espacial, temporal, sensorial, etc.)” (FRANCCHIOLLA et al., 2013, p. 13, tradução minha) e a representação que os participantes da interação assumem acerca da “violência verbal, assim como o peso dessas representações sobre as relações sociais”.

As contribuições de Adam (2020, p. 6), sintetizadas no esquema 2 por ele proposto, também influenciaram a produção do meu artigo. De modo especial, destaco o reconhecimento do autor acerca da necessidade de “[...] uma definição que dê conta da forma como o ‘textiel’ [texto digital] gera as modalidades semiomediológicas”. Considerando que Jean-Michel Adam é um autor basilar dos meus trabalhos, senti-me contemplada com o *modus operandi* que venho adotando para produzir, mesmo quando se trata de dados constituídos por texto digital nativo. Não se pode negar a interseção existente entre a materialidade linguística desses textos produzidos *on-line* e, por exemplo, a transcrição de um texto oral, assim o próprio texto escrito, em seus múltiplos registros e estilos, ainda que apresentem entre si um conjunto de variações.

Foi, pois, fundamentando-me em trabalhos de Adam (2011, 2015, 2018, 2020a, 2020b), Plantin (2011, 2016), Paveau (2013, 2015a, 2015b), Mayeur e Paveau (2020), Rabatel (2016, 2017), Vanderveken (1990, 2016) e Micheli (2010, 2014), entre outros autores, que pude cumprir meus objetivos: descrever, analisar e interpretar o ponto de vista de internautas, a partir de comentários produzidos *on-line*, enquanto gênero discursivo digital nativo.

Considerações finais

Para concluir, reitero o que fiz ao longo do artigo: trabalhei dados que internautas expressam PDV acerca de torturas sofridas por detentas, esses PDV manifestam o sentimento de ódio. Para tanto, busquei o aparato teórico-metodológico sobre ponto de vista, emoção, subjetividade da linguagem, violência verbal, ódio e interação.

Os comentários analisados reagem a um texto, isto é, são dialógicos, polêmicos, logo de natureza conflituosa, decorrentes de tensão bastante acentuada.

O contexto espacial, marcado pelo distanciamento presencial, constitui um fator que, certamente, favorece a violência verbal, os L1/E1 parecem esquecer, pois, a preservação de faces na interação. Em decorrência, o PDV de L1/E1 de comentários *on-line* acerca da matéria intitulada “MORO DIZ QUE NÃO HÁ TORTURA EM PRESÍDIOS NO PARÁ. PRESAS OBRIGADAS A SENTAR EM FORMIGUEIRO DISCORDAM” (POTTER, 2019) configura-se emocionado, alinhado à violência verbal, na perspectiva do ódio, via ironia (sintagmas nominais constituídos por lexemas semanticamente contrários produzindo o efeito de ironia), na sugestão para torturar através do imperativo afirmativo, ou seja, por meio de um ato de discurso ilocucionário diretivo, assim como no processo de referenciação construído no discurso com marcas na superfície linguística do texto.

Por fim, destaco que a organização textual dos três exemplos se configura como se os L1/E1 estivessem em situação de fala, em uma interação presencial, embora a materialidade linguística se dê na modalidade escrita e os L1/E1 se encontrem em contexto digital. Disso decorre, certamente, o afrouxamento sintático na forma de textualidade. De fato, a organização textual dos enunciados difere, por exemplo, de um enunciado produzido na modalidade escrita

off-line, em português escrito formal. A expressão do PDV dos L1/E1 dos exemplos analisados apresenta seja o “objetivo ilocucionário assertivo”, seja o “objetivo ilocucionário diretivo” (VANDERVEKEN, 2016, p. 16). Destaco, ainda, que o objeto de discurso avaliado pelos L1/E1 parece ter desencadeado uma avaliação emocionada da situação. Isso me leva a considerar que o contexto digital (distanciamento presencial) e o objeto de discurso avaliado (tortura sofrida por detentas) mobilizaram a construção do PDV emocionado, veiculando violência verbal marcada pelo sentimento de ódio, cuja expressão escrita revela uma textualidade de interação informal em situação de fala, conforme evidencia o estilo dos enunciados dos L1/E1.

Referências

- ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. Tradução João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J.-M. Introduction. In: ADAM, J.-M. (Dir.). *Faire texte: frontières textuelles et opérations de textualisation*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2015, p. 11-33.
- ADAM, J.-M. *Souvent textes varient: génétique, intertextualité, édition et traduction*. Paris: Classiques Garnier, 2018.
- ADAM, J.-M. Postface. Le texte est-il soluble dans le textiel? *Corela - Cognition, représentation, langage*. HS-33, v.18, n.2, 2020a, p. 1-18. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/11938>. Acesso em: 25 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/corela.11938>
- ADAM, J.-M. Entretien. *Mots*, v. 3, n. 124, p. 147-163, 2020b. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mots-2020-3-page-147.htm>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- ADAM, J.-M. *Sémio-médiologique*. Mensagem eletrônica recebida por Maria das Graças Soares Rodrigues em 7 jan. 2021.
- CAMPOS, A. C. IBGE: número de desempregados chega a 13,5 milhões em setembro. *Agência Brasil*, 23 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-10/ibge-numero-de-desempregados-chega-135-milhoes-em-setembro>. Acesso em: 23 out. 2020.
- DACOS, M.; MOUNIER, P. *L'Édition électronique*. Paris: La Découverte, 2010.
- DEBRAY, Régis. O que é a mediologia? *Le monde diplomatique*, n. set. 1999. Disponível em: <https://diplopt.mondediplo.com/1999/09/o-que-e-a-mediologia.html>. Acesso em: 28 dez. 2020, s.p.
- FRANCCHIOLLA, B. ; MOÏSE, C. ; ROMAIN, C. ; AUGER, N. *Violences verbales: analyses, enjeux et perspectives*. Rennes: PUR, 2013.
- FRANÇOIS, F. Quelques points de vue sur les points de vue. In : CARCASSONNE, M.; CUNHA, D.; DONAHUE, C.; FRANÇOIS, F.; RABATEL, A. *Points de vue sur le point de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. 7-76.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LINHA D'ÁGUA

- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio: Guanabara Koogan, 1988.
- GRÁCIO, R. A. Argumento *ad hominem*. In: GRÁCIO, R. A. *Vocabulário de argumentação*. 2015. Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/ArgAdHominem.htm>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAYEUR, I.; PAVEAU M.-A. Présentation. Les devenirs du texte numérique natif. *Corela*, p. 1-18, 2020. Número especial 33. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/11749> Acesso em: 23 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/corela.11749>
- MICHELI, R. *L'émotion argumentée: l'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris: Les éditions du Cerf, 2010.
- MICHELI, R. *Les émotions dans les discours: modèle d'analyse, perspectives empiriques*. Louvain-la-Neuve: De Boeck Duculot, 2014.
- MOÏSE, C.; AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B.; SCHULTZ-ROMAIN, C. *La violence verbal: espaces politiques et médiatiques*. Paris: L'Harmattan, 2008.
- PAVEAU, M.-A. Genre de discours et technologie discursive. *Pratiques*, n. 157-158, p. 7-30, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/3533>. Acesso em: 23 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.3533>
- PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les univers numériques. *Itinéraires*, n.1, 2014|2015a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/itineraires/2313>. Acesso em: 20 jan. 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/itineraires.2313>
- PAVEAU, M.-A. Ouverture. En naviguant en écrivant. Réflexions sur les textualités numériques. In: ADAM, J.-M. (Ed.) *Faire texte*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015b, p. 337-353.
- PAVEAU, M.-A. Discursos e links: hipertextualidade, tecnodiscursividade, escritura. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. 1.ed. Tradução Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. Campinas: Pontes, 2020.
- PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions: principes et méthodes pour l'étude du discours émotionné*. Bern: Peter Lang, 2011.
- PLANTIN, C. *Dictionnaire de l'argumentation: une introduction aux études d'argumentation*. Lyon: ENS, 2016.
- POTTER, H. Moro diz que não há tortura em presídios no Pará. Presas obrigadas a sentar em formigueiro discordam. *The Intercept Brasil*, 8 out. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/08/presas-forca-tarefa-moro-tortura/>. Acesso em: 8 out. 2019.
- RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.
- RABATEL, A. *Pour une lecture linguistique et critique des médias: empathie, éthique, point(s) de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RODRIGUES, M. das G. S. *Discussão em contexto de exercício de poder à luz do apelo à emoção implicando polêmica pública*. Braga: 2018. (Trabalho apresentado no Congresso Internacional Linguagens de poder, realizado na Universidade do Minho, em Braga – Portugal, no período de 12 a 13 de junho de 2018).

RODRIGUES, M. das G. S.; CABRAL, A. L. T. Responsabilidade enunciativa, emoções e argumentação: a violência verbal em foco. In: PIRES, E. L.; RODRIGUES, M. das G. S. (Orgs.) *Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos*. Natal: EDUFRN, 2020, p. 292-319. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30395>

RODRIGUES, M. das G. S.; PASSEGGI, L. Émotions, argumentation et points de vue dans l'affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn. Une analyse textuelle et discursive de chroniques de la Folha de São Paulo. In: RABATEL, A.; MONTE, M.; RODRIGUES, M. das G. S. (Dirs.). *Comment les médias parlent des émotions: l'affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. 291-305.

VANDERVEKEN, D. *Meaning and speech acts: principles of language use*. v.1. New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1990.

VANDERVEKEN, D. Atos de discurso e significação. In: VANDERVEKEN, D. *Atos de discurso e atitudes*. Tradução Candida Jaci de Sousa Melo. Londres: College Publications, 2016, p. 1-51. (No prelo)

Recebido: 10/01/2021.

Aprovado: 27/01/2021.